

ESTANDARTE

JORNAL DE MOCIDADE

Redacção e Administração:
PRAÇA DAS FLORES, N.º 49

Directores: LUIZ D'AVILLEZ
EDUARDO FREITAS DA COSTA

Editor: EDUARDO FREITAS DA COSTA
Secretário de Redacção: ARTUR PEDRO GIL

ANO I - N.º 1

Lisboa, 25 de Março de 1941

PREÇO \$40

Editorial

A nossa guerra

Mais um jornal...

É verdade. Mais um jornal e jornal de rapazes, com toda a inexperiência, toda a ignorância, toda a irreverência a que não podemos eximir-nos, mas também com todo o desassombro, toda a boa vontade e toda a fé, sem os quais não sabemos trabalhar.

E nem sequer somos modestos, a não ser no aspecto exterior. As nossas ambições são altas e visam muito longe: queremos reunir aqui, num grande e elevado ideal de saúde do espírito e de saúde física, todos os rapazes do nosso país, toda essa magnífica «Mocidade Portuguesa» espalhada pelos quatro continentes do Império.

É uma nova cruzada que preçamos. A cruzada das almas limpas, das consciências rectas, das vontades firmes; da vida ao ar livre, do riso saudável, das palavras claras, das atitudes francas. Não temos experiência do mundo nem medimos timidamente os nossos

O IMPÉRIO DO ATLÂNTICO

Rasgam-se para Portugal novos horizontes imperiais

Quando na Europa se soube, sem mais pormenores, da proclamação da república no Brasil, Eça de Queiroz, assestando de Londres o seu monóculo, sentenciou:

— «Com o Império, segundo todas as probabilidades, acaba também o Brasil.

«Este nome de Brasil, que começava a ter grandeza e para nós portugueses representava um tão glorioso esforço, passa a ser um antigo nome da velha Geografia Política. Daqui a pouco, o que foi o Império estará fraccionado em Repúblicas independentes, de maior ou menor importância. Impelem a esse resultado a divisão histórica das províncias, as rivalidades que entre elas existem, a diversidade do clima,

do carácter, dos interesses — e a força das ambições locais.

«Os estados, uma vez separados, não poderão manter paz entre si, sendo abundantes os motivos de conflitos — as delimitações de fronteira, as questões hidrográficas e as alfândegas com que todos naturalmente se hão-de querer criar rendimentos. Cada Estado, abandonado a si, desenvolverá uma história própria, sob uma bandeira própria, segundo o seu clima, a especialidade da sua zona agrícola, os seus interesses, os seus homens, a sua educação e a sua imigração. Uns prosperarão, outros depere-

(Continua na pág. 2)

passos — por isso marchamos seguros, desdenhando os saltos de trampolim, audazes mas pouco sérios.

Haverá senhores mal humorados que discutam, cépticos que sorrissem desdenhosamente, burgueses rotundos que levantem os ombros com indiferença? Que nos importa? Por sobre os vagos murmúrios e os vagos silêncios, ergue-se a voz da Mocidade — vibrante e altiva como um estandarte de guerra!

Interferências

Um acto de terrorismo

A-propósito do ciclone do dia 15 de Fevereiro, escreveram-se coisas acertadas, coisas sofríveis — e coisas simplesmente idiotas. Escreveu-se, por exemplo, que o ciclone fôra como um castigo enviado do alto a esta «Gomorra» do extremo ocidental da Europa...

Ora nós, rapazes, somos contra todos os actos de terrorismo — e este afigura-se-nos um acto

(Continua na pág. 4)

Trinta anos depois

ONTEM — Uma manifestação da associação secreta A Carbonária descendo a Av. da Liberdade



HOJE — Um desfile da Mocidade Portuguesa na mesma Avenida.

ar livre

CAMPISMO

O campismo, nas suas linhas gerais, é a adaptação temporária do cidadão à vida em contacto com a natureza.

Nascido de todos os defeitos dos grandes centros urbanos, claro que começou por ser o simples passeio ao campo, no domingo, com o pretexto de «apanhar ar» e com a antecipada visão reconfortante de um bocado de sossêgo.

Mas aquilo que a princípio fôra intuitivo, espontâneo e reduzido, é agora uma complexa arte, embora sofrendo ainda das imperfeições que a labuta na cidade arrasta, mas mais e mais alargada de meios, de fins e de formas.

Pondo de lado aquela meia dúzia de pessoas que fizeram campismo conscientemente, lendo os livros que há sobre o assunto e procurando satisfazer as suas indicações; separando ainda outra escassa centena de indivíduos que tentaram organizar por

suas próprias mãos e em resultado da experiência aos poucos adquirida um resumido grupo de leis que regessem e orientassem a sua vida no campo; ficamos em frente da grande massa dos nossos rapazes — e não rapazes — para os quais o campismo é dormir numa barraca e andar de cuecas, com um saco às costas.

O pouco que em campismo se tem feito entre nós deve-se, primeiro, aos escoteiros, que, seguindo o movimento mundial de Baden Powell, foram os pioneiros do campismo em Portugal, e depois à M. P., com os seus acampamentos.

É sobretudo para êsses rapazes da M. P., para a sua força juvenil, para o seu entusiasmo criador, que escreverei aquelas poucas regras e conselhos que a minha reduzida experiência me fez julgar mais úteis e menos dispensáveis.

ARTUR PEDRO GIL

O IMPÉRIO DO ATLÂNTICO

(Continuação da pág. 1)

cerão. Haverá talvez Chilis ricos e haverá certamente Nicaraguas grotescas. A América do Sul ficará toda coberta com os cacós dum grande Império.»⁽¹⁾

Eça de Queiroz raciocinava dentro da lógica dos acontecimentos nas democracias em geral e em particular nas democracias americanas de projecção ibérica; mas o país que pacificamente destronara o seu imperador alcançou resistir ao poder dispersivo das paixões democráticas; a unidade do europeu Portugal desdobrou-se na unidade do americano Brasil — e este, contra as previsões pessimistas do monoculado e céptico escritor, sobreviveu à república liberal, ao federalismo, às revoluções...

O facto não deixava de surpreender — principalmente desde que posto em confronto com os antagonismos exasperados que fazem da América espanhola uma opulenta manta de retalhos. E a explicação era, é só uma: a influência do país colonizador no país colonizado; as tradições da unidade portuguesa a frutificar no outro lado, no lado americano do Atlântico.

Claro que ainda existem rivalidades, divergências; os do sul, por exemplo, gabam-se de mais limpos de cruzamentos com o índio e sobretudo com o negro — como se mostra por este passo dum romance recente de Viana Moog: «O promotor sentia agora o terreno mais firme. Vendo que Geraldo recuava, tomou novo impulso.

«— A prosperidade do sul vem da raça. Somos um povo mais forte e decidido.

«Geraldo permaneceu calado.

«— Então pode-se lá comparar a nossa gente — continuou o outro — uma mistura de açoreanos, de charruas, de bandeirantes... com a mestiçagem do norte?»⁽²⁾

Mas estas rivalidades, estas divergências não passam, afinal, de pretexto para discussões ou divagações meramente literárias. Todos os brasileiros falam a mesma língua, orgulham-se da mesma história, têm a mesma consciência de nação; — e se o Brasil, como na frase de alguém, teve três mães — a índia, a branca e a negra, a escrava — não há dúvida que o seu pai foi apenas um — o português.

Depois, um dia, o filho abandonou o lar paterno. O mesmo fenómeno, de resto, se verificou na América em relação à Espanha — outra criadora de povos e nações. Ouçamos, a propósito, o que diz Gimenez Caballero?

«Es cierto que España... perdió su Imperio. Pero lo perdió como un padre pierde a un hijo cuando éste llega a la mayoría de edad y se lanza a vivir su vida: sin renegar de la sangre

paterna. Y siempre en condiciones de repetir la parábola del Hijo Pródigo.»

Em seguida, Gimenez Caballero aventura: «Quizá no esté lejos el tiempo en que la parábola de los Hijos Pródigos hispánicos se repita en la História.»⁽³⁾

Porém, no que se refere à América espanhola, enquanto umas nações, como a Argentina, criavam e desenvolviam uma cultura de tipo vinicamente ibérico, outras, como o México, buscavam nas civilizações indígenas pré-colombianas os seus motivos de orgulho e as raízes da sua existência.

No Brasil é que já hoje é possível escrever-se isto que escreveu um dos seus maiores historiadores e ensaístas contemporâneos — Pedro Calmon:

«A língua portuguesa, falada hoje por uma centena de milhões de indivíduos, será amanhã o vínculo moral de cento e cinquenta, de duzentos milhões de pessoas. O Império resultante da expansão portuguesa no globo corresponderá em breve ao sonho dos navegantes que na era manuelina quebraram o encanto dos oceanos.»⁽⁴⁾

A êsse império de que fala Pedro Calmon chama «Império do Atlântico» outro grande escritor do Brasil, Gustavo Barroso. E a êle, no Congresso Luso-Brasileiro de História, se referiu também o Embaixador do Brasil em Lisboa, sr. dr. Araújo Jorge, ao falar desses «elementos imponderáveis», «geradores do misterioso instinto de solidariedade entre ambos os povos», que «irmanarão as duas Pátrias num vasto império de influência decisiva nos destinos da sociedade humana.»⁽⁵⁾

Império que terá por garantia as maiores e mais poderosas esquadras do globo — esquadras de rocha, indiferentes à fúria das tempestades como à explosão de torpedos e granadas; os arquipélagos ainda europeus dos Açores e da Madeira; o arquipélago de Cabo Verde; as ilhas de S. Tomé e Príncipe; os ilheus de S. Pedro e S. Paulo; por fim, já a 66 milhas da costa americana, a ilha de Fernando de Noronha, como um couraçado.

DUTRA FARIA

(1) — «Cartas inéditas de Fradique Mendes e mais páginas esquecidas».

(2) — «Um rio imita o Reno».

(3) — Semanário espanhol «Tajo», núm. 41.

(4) — Jornal «Correio do Povo», Porto Alegre, Rio Grande do Sul.

(5) — «Revista dos Centenários», núm. 23.

Um êrro de propaganda

Uma falsa compreensão da chamada propaganda colonial tem desvirtuado na Mocidade o conceito que ela deve ter das «coisas coloniais».

A substituir a noção errada de que nas colónias apenas existem a doença, a fera e o mau clima, surgiu esta outra não menos errada de que elas constituíam campo fácil de tôdas as aventuras, terras de riqueza e de pouco trabalho. Não duvidamos que esta orientação reflecta como que uma política de incentivo, mas afirmamos que ela se baseia num falso conhecimento da Mocidade de hoje, a quem não deve seduzir o trabalho fácil e a vida mesquinha de inúteis.

A verdadeira propaganda colonial entre a mocidade faz-se com a verdade, a verdade sublime do sacrifício, da luta, do trabalho dispendido nesses outros bocados de Terra Portuguesa, onde a extensão da obra a realizar exige permanentemente o entusiasmo, a iniciativa, a rijeza de luta que só a novos se pode exigir.

Vida grande, sim, mas não miseravelmente grande no esplendor do dinheiro e do fácil, antes construída sobre trabalhos, sofrimentos, que tudo é satisfação quando compreendido. Desde o Homem até à Terra, tudo tem de ser feito por nós portugueses — e a grandeza da obra não se compedece com transigências ou fantasias.

Dir-se-á que tal tarefa não pode ser aceite por todos e que a consciência perfeita que dela se tenha afastará muitos dos que hoje pensam no Além Mar como terra prometida. Assim será, e assim deve ser, pois as colónias — ao contrário do que muitos pensam — reclamam selecção rigorosa naqueles que as servem. Ali a par da virtude que cria desenvolve-se o vício que mata. Isto, tão simples, constitui a explicação de muitos despertares horríveis entre tantos sonhos sonhados.

JOÃO NOGUEIRA DE FREITAS

CORREIO de preguntadores

Êste cantinho do «Estandarte» destina-se às respostas a tôdas as questões que os leitores nos apresentem.

Há sempre um certo número de coisas de que temos necessidade — quando não simples desejo — de saber, sem que tenhamos de momento pessoa que nos elucide, ou ao menos uma boa enciclopédia à mão. O «Correio de preguntadores» vem preencher a falta.

Uma indicação bibliográfica, uma data que não ocorre, um esclarecimento em assunto de linguagem, respostas a milhentas dúvidas sobre coisas sérias ou sobre insignificâncias, tudo isso cada um dos nossos leitores poderá obter neste cantinho. Bastará para tanto escrever-nos um postal onde formule as perguntas. Perguntem à vontade, tudo que lhes apetecer. Não tenham acanhamento. Êste cantinho é dos preguntadores.

As aventuras do 'Português'

FARELAY, SULTÃO DE ANGOCHE

○ «PAU PRETO»

A noite, a noite densa de África, caiu há pouco. No silêncio pesado que envolve a terra começa a destacar-se, com nitidez, o chapinhar da água de encontro ao casco de um pangaio que desliza cautelosamente no canal; é um barco de dez metros de comprimento que foge, carregado de escravos, à vigilância dos navios portugueses. Outros partiram já e outros hão-de partir, daquela ilha de Angoche, mantendo acesa a luta entre os negreiros, crueis e assassinos, e o português generoso, que defende os seus irmãos negros.

Não é especialmente dêste ou daquele oficial que o pangaio foge, mas do português em geral, do colono militar ou civil que põe a sua coragem e o seu heroísmo ao serviço de uma causa alevantada e nobre.

Estamos em fins do século passado e continua às escondidas, com todos os seus aspectos repugnantes, o comércio de escravos, o tráfico do que os negreiros chamavam desdenhosamente «pau preto». Pobre pau preto, com uma alma bem mais branca — quantas vezes — do que os que se dedicavam a essa tarefa ignóbil de vender o seu semelhante, como um animal de carga ou de trabalho...

Desde sempre, os Reis de Portugal haviam procurado impedir os abusos praticados, mas aquela ilha resistira a todas as leis e era, verdadeiramente, o paraíso da escravatura. Bandoleiros e gatunos, os seus habitantes tinham uma larga tradição de pirataria. Algumas centenas de anos antes um viajante escrevia ao Rei que lhe parecia muito prejudicial «estar ali aquela ladroeira».

... Aquela ladroeira eram os súbditos do muito poderoso sultão de Angoche.

A ESPADA E A MÃO DO VENCIDO

Chamava-se o sultão Ussene Ibrahim e sucedera a Mussá-Quanto, homem habilidoso e valente mas perverso, que praticara inúmeros roubos e pilhagens, fôra preso por nós depois de luta renhida, conseguira fugir da fortaleza onde fôra internado e acabara por firmar definitivamente — em dezenas de combates — a sua posição de grande chefe.

A escravatura clandestina desenvolve-se mais e mais; a ambição de Ussene não conhece limites e resolve atacar Sangage, centro importante desse comércio. Durante meses, durante anos, o malandrim prepara o seu salto de pantera. Dá-se finalmente o embate: Ussene Ibrahim perde 600 guerreiros e morde o pó, perante as forças do xeque de Sangage e seus aliados, que enviam ao governador do distrito a espada e a mão direita do vencido, à velha moda indígena...

Assim aparece a suceder-lhe, na pirataria, nas ambições, nos desacatos à nossa soberania, o célebre Mahamuieva, mais conhecido pelo nome de Farelay.

○ SULTÃO PIRATA

O Farelay — manhoso, sem ser inteligente, atrevido, sem ser corajoso — pretende apossar-se dos territórios que constituíam o sultanato de Angoche. Repetem-se as tentativas de assalto à vila de Parapato, fronteira à ilha, tornam-se cada vez mais frequentes as rapinagens, aumenta a insolência do bandoleiro. A sua audácia chega ao ponto de se instalar a dois quilómetros da vila, mandando ir à sua presença as autoridades e os negociantes, a quem recebia rodeado de imensa gente armada, e a quem ditava o preço por que permitia a passagem das caravanas...

Forças de marinha e do exército conseguem, durante alguns anos, acabar com este vergonhoso estado de coisas no litoral, mas o interior continuava a escapar à nossa ocupação efectiva; em 1902 recrudescer a escravatura, servindo os rios para as viagens de negócios da gente do Farelay, que continuava a assolar a região, em correrias que traziam sempre consigo um cortejo de assassinatos, roubos e insultos.

É justamente nesse ano que o salteador se faz aclamar sultão...

ANGOCHE, PORTUGAL!

Urgia batê-lo definitivamente, pôr um ponto final naquela situação de rebeldia que, na sua ignorância arrogante, se supõe invencível. Que não é assim há-de mostrar-lhe a campanha de 1910, série quasi ininterrupta de operações de guerra que poucos oficiais portugueses conduzem com energia durante cinco longos meses.

É todo um rosário de heroísmos, de resistência tenaz às dificuldades de marcha, aos ataques incessantes dos rebeldes, que chegam a fazer seis assaltos num único dia. As nossas forças, constituídas na sua quasi totalidade por negros irregulares, causam inúmeras baixas ao inimigo, mas — infelizmente — vão sofrendo também o desgaste da guerra e começam a carecer de munições.

Quando o comandante resolve empenhar-se numa acção decisiva e invadir as terras de um dos principais aliados do Farelay, milhares de indígenas sublevados atacam em massa a coluna portuguesa. A posição é difícil de sustentar, porque o ímpeto do inimigo é terrível e faltam cada vez mais as munições. Tudo parece perdido. Em meio do fumo e da gritaria ensurdecedora dos indígenas, os oficiais conservam a serenidade e comandam calmamente o fogo; multiplicam-se os actos de coragem mas todos crêem que é já certa a chacina total e preparam-se para morrer como bravos, para morrer como portugueses.

Mas Deus não os abandona. No momento em que os mais inexperientes dos nossos começam a fraquejar, chegam os desejados reforços: o inimigo é repellido, com enormes perdas, e — de terra em terra — inicia-se a perseguição ao Farelay, que só na fuga procurava a salvação por se terem rendido, um após outro, todos os seus aliados. O sultão foi finalmente preso por uma pequena força e deportado para a Guiné.

Sobre Angoche passou a flutuar, para sempre, a bandeira de Portugal.

EDUARDO FREITAS DA COSTA

○ O próximo episódio intitula-se «O XEQUE DE SANGAGE»

PARA OS LUSITOS

A lição dos mil espelhos

○ ANDRÉ voltara sorridente do colégio. Se lhes parece! Era véspera de feriado e, por isso, saboreava já o dia seguinte, em que iria passear à praia, como quem saboreia antecipadamente uma boa fatia de pão com marmelada.

Em casa, porém, esperava-o uma atmosfera carregada. Mal entrou, o avôzinho, muito sério, pegou-lhe na mão e levou-o até ao escritório. Pelo corredor, o André ia pensando se já teriam dado pelo desastre. E logo na véspera de um dia de férias!

Não havia dúvida: Lá estava a grande moldura dourada do espelho de Veneza, onde tanto gostava de se mirar. Mas a moldura, agora, fazia-lhe lembrar o ôlho dum cequinho. Ou o caixilho duma janela fechada. No chão, sobre o tapete, amontoavam-se pedacinhos de cristal, de que um raio de sol, entrando furtivamente pela vidraça, vinha arrancar estranhos reflexos.

— Quem partiu este vidro?

O André corou, abriu a boca, hesitou e, por fim, lá conseguiu murmurar:

— Não sei, avôzinho. De manhã, quando vim buscar os meus livros ao escritório, deixei o «Gaiato» aos pulos diante do espelho...

— O gatinho?

— Sim, avô.

E, agarrando-se àquela explicação como o náufrago se agarra à mais frágil tábuca, foi acrescentando pormenores:

— Achei o «Gaiato» muito esquisito... Parecia assanhado! Tive medo e fugi.

O avô, sem tirar os olhos do pequeno, ia maquinalmente dando voltas e voltas com o seu relógio de ouro. Por fim, disse:

— Bem. Nesse caso, vou mandar o gatinho ao Instituto, pois pode estar raivoso.

— E ficamos sem êle, avô?!

Os olhos do velhinho sorriram por detrás dos óculos escuros. E, num tom quasi indiferente, deixou cair estas palavras, que foram para o pequeno como pingos de água a ferver:

— Naturalmente, terão de o matar...

Fêz-se um breve silêncio. Sentia-se que na alminha do André se travava uma luta entre o medo de se confessar causador do desastre e o receio de ficar sem o seu querido «Gaiato». Os bons sentimentos eram, porém, mais fortes e o pequeno balbuciou timidamente:

— Não, avôzinho. O «Gaiato» não tem nada... Quem partiu o espelho fui eu... Perdõe.

— Já o calculava, meu filho. E, como confessaste, desculpo a tua falta de cuidado. Mais me custa perdoar a tua grande mentira!

— Mas, avôzinho, eu apenas disse que tinha visto o «Gaiato» aos saltos diante do espelho... Foi uma mentira sem importância.

— É verdade. Mas, logo a seguir, acrescentaste que tinhas fugido com

(Continua na pág. 4)

Interferências

(Continuação da pág. 1)

de terrorismo como qualquer outro: nem aceitamos a designação de «Gomorra» dada a Portugal, modelo de ordem no mundo e reserva de virtudes cristãs, nem pensamos que seja agir patrioticamente fazer crer que estamos sendo o alvo da cólera divina — e aumentar assim a tristeza, a dor e a desolação que o ciclone trouxe à boa terra portuguesa.

Nesta hora, há que enraizar nos corações, não o terror, mas a confiança, não a tristeza, mas a serenidade, não o desalento que leva a baixar a cabeça e a cruzar os braços, mas a energia de vontade que leva a trabalhar com fúria e a construir com fé.

Guerra ou futebol?

Há pessoas que em face da guerra se comportam como o fariam se estivessem a assistir a um desafio de futebol...

- Eu sou pelo Benfica...
- Eu sou pelo Sporting...
- Pela Inglaterra...
- Pela Alemanha...

Pois para nós, rapazes, só há uma atitude a tomar em face da guerra, como portugueses.

E essa atitude — definimo-la assim:

— Queremos que Portugal continue, fiel à sua vocação atlântica e aos seus destinos imperiais; Portugal uno e disperso por todas as partes da terra, inteiro em cada pedra de fortaleza, em cada cruz de capelinha missionária, em cada colmo de sertanejo.

O resto é pormenor...

Os filmes de «cow-boys»

António Lopes Ribeiro: não sabemos se és, como desconhamos, o «Bel Tenebroso» do teu «Animatógrafo», o «Bel Tenebroso» que gasta o seu tempo — e a sua graça — a informar as meninas cinéfilas de que o Robert Taylor tem os olhos pretos e uma cicatriz na sola do pé esquerdo...

Mas, quer sejas também o «Bel Tenebroso» que não aplaudimos, quer sejas somente o António Lopes Ribeiro que admiramos, queremos convidar-te a enfileirar connosco numa obra de justiça: — a reabilitação dos filmes de «cow-boys».

Disse alguém que o «cow-boy» era o cavaleiro andante do nosso século. E na verdade, se os filmes do Far-West são violentos, a sua violência é saudável, mesmo educativa: os bons acabam sempre por triunfar dos maus, o «she-riff» acaba sempre por prender o cínico — e não há memória de que a menina ingênua não case religiosamente com o dono do lindo cavalo branco.

A reabilitação dos filmes de «cow-boys»... A idéia deve entusiasmar-te — caríssimo Lopes Ribeiro. Mãos à obra, pois. E de passagem diz ao teu «Bel Tenebroso» que poupe a imaginaçãozinha das Gretas Garbo locais ao romance dos cinquenta divórcios da Norma Shearer ou às verrugas na ponta do nariz do Spencer Tracy...

Nem tanto ao mar...

A crónica de Maria de Carvalho, no «Diário de Lisboa», do dia 17, sobre um quadro recentemente pintado por mestre Sousa Lopes, começa assim: «O grande Infante encontrou o seu pintor».

... E Nuno Gonçalves?

Observação inocente

Não se escreve «wisky», escreve-se «whisky». Não se escreve «Broadoay», escreve-se «Broadway».

Isto é a propósito de certo editorial recente — aliás bem intencionado — dum grande jornal de informação.

AVIAÇÃO

A Cavalaria do Ar

Não sou um técnico de aviação. Parece-me da mais elementar honestidade fazer, antes de mais nada, esta confidência. Nestas colunas não de aparecer, depois, êsses que sabem o segredo profundo das coisas do ar, mas julgo não será descabido dizer eu duas palavras, duas mal alinhavadas regras, sobre o sentido especial de que se reveste a aeronáutica na formação da mocidade de hoje. Ficará assim esta opinião de um profano em guisa de abertura ou introdução.

Em meio de uma época assoberbada de preocupações materiais, roída de cálculos estatísticos e de especulações financeiras, sentia-se a falta de um alto sôpro espiritual que desse alma e vida à rigidez dos aços e à complexa precisão das aparelhagens. Perdera-se o espírito da cavalaria medieval, «encarnação da pátria, da honra e do dever»; não apareciam já êsses homens magníficos que juravam combater a injustiça onde quer que a encontrassem, defender os oprimidos, obedecer sem reservas às ordens do seu rei. E a mocidade, sem um grande ideal de virtudes heróicas, arrastou-se durante dezenas e dezenas de anos numa marcha penosa que começou no cepticismo elegante, atravessou toda uma

gama de boémias degradantes e veio acabar torpemente, já quasi em nossos dias, na inutilidade das tertúlias de café.

Surgiu a aviação. Era uma esperança apenas; foi depois um desporto ou uma arma de guerra; mas, em tôdas as suas facetas e acima de tudo, alguma coisa para a qual se requeriam nervos de aço, disciplina interior, amor do risco, desprezo pela vida fácil. E Portugal, que abria — com o famoso romance de Amadis — um dos ciclos literários da cavalaria continental, que — com as prôas das suas caravelas — rasgara os caminhos aos cavaleiros dos oceanos, apareceu — a bordo de um pequeno avião que ia pela primeira vez sobrevoar o Atlântico Sul — à frente dessa nova cavalaria, a cavalaria do ar.

Tem a Mocidade Portuguesa contribuído enormemente para que não ficasse perdida, no nosso país, a lição de Sacadura Cabral e Gago Coutinho. É preciso continuar, cada vez com mais entusiasmo, mais fé, mais energia. A aviação espera os que amam a altitude, na vida material como na vida moral.

ANTÓNIO NOGUEIRA-VELHO

UM LIVRO PARA LER

Há livros e livros...

Bons, maus, excelentes, péssimos. Por enquanto não passámos de um lugar comum... Mas este livro que vos indico é ótimo: «Cartas de um Religioso», de Luiz Moreira de Sá e Costa.

Luiz Costa morreu cedo. Cedo demais. Das cartas que durante a sua curta vida foi escrevendo a parentes e amigos, recolheram mãos piedosas umas quantas que, reunidas em volume, formam um todo admirável de amizade sincera, fé, amor, confiança, serenidade e patriotismo. Faz bem lêr livros assim.

Quem conheceu Luiz Costa não podia admirar-se nada, não teve a menor surpresa ao folhear «As cartas de um Religioso». Porque elas são o retrato fiel de quem as escreveu, elas fotografam prodigiosamente bem esse rapaz modelo, esse jovem que a morte levou quando se começava a exigir d'êlo produzisse entre a massa dos universitários portugueses, sobretudo, acção de presença constante, de apoio forte, de conselho avisado. Luiz Costa, temos a certeza disso, estava destinado a uma altíssima missão. Infelizmente poucos foram aqueles, novos e velhos, nacionais ou estrangeiros, que tiveram a rara felicidade de, intimamente, conviver com o autor das «Cartas». Mas este livro admirável leva todo aquele que o ler a ficar irmanado no espírito, nos ideais, nos anseios do seu autor.

Aqui reside, quanto a nós, o seu principal mérito.

Oxalá este livro cada vez mais se divulgue, sobretudo entre a massa vasta, acolhedora e compreensiva da «Mocidade Portuguesa». E, por acréscimo, todos os livros, como este, magníficos.

LUIZ D'AVILLEZ

A lição dos mil espelhos

(Continuação da pág. 3)

mêdo, julgando-o atacado de raiva. A tua pequena mentira foi crescendo, foi inchando como um balão, até que rebentou.

Os olhos do pequeno, envergonhado, pousaram-se no tapete, onde os mil pedacitos de cristal lembravam pétalas de rosas brancas desfolhadas. Seguindo-lhe o movimento com a vista, o avô concluiu:

— Pega num desses bocados de vidro. Em cada um dêles te verás, como te vias no espelho grande. Um pedaço de espelho é, assim, um espelho inteiro. Do mesmo modo, meu filho, lembra-te de que a mentira, por mais insignificante que pareça, é sempre uma mentira. Como o fragmento de cristal para o teu rosto, ela pode reflectir, inteirinha, a alma de quem a proferiu.

ADOLFO SIMÕES MÜLLER